

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Ha urgencia de pensar uma nova etica global  
[There is urgency to think a new global ethic]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.  
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy  
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Gomes, Nelson
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-03 22:29:40
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/163316">http://hdl.handle.net/20.500.12424/163316</a>

ocupando um lugar distinto dos demais. A ciência tem que evitar de se colocar num pedestal, precisa dar espaço, por exemplo, à posição de quem não deseja comer alimentos transgênicos – e isso não significa que essa recusa seja proveniente de uma pessoa sem cultura. Como incorporar essa posição? O problema, muitas vezes, é que, devido à presença da ciência no nosso mundo, até que ponto as conclusões científicas devem ser impostas ou incorporadas pelos outros? Quanto à segunda parte da pergunta, embora esse tema me interesse, eu não tenho uma resposta organizada. O que eu diria, no campo da filosofia da ciência, é que ela deve perceber a ciência não apenas como um tipo específico de conhecimento, mas percebê-la dentro do seu processo de desenvolvimento histórico, de interação com outras formas de conhecimento e nas suas relações com os diferentes grupos que constituem a sociedade. No fazer filosófico, sou favorável a um diálogo da filosofia com a ciência, a sua história, a ética... E isso pode resultar em transformações profundas no fazer filosófico, pois talvez o objetivo da filosofia se modifique. Portanto, é preciso haver diálogo.

### **IHU On-Line – Quais são os principais desafios que o ecossistema global representa para o pensamento econômico e social contemporâneo?**

**Augusto Videira** – Penso que seria obrigatório incorporar esse tipo de tema às nossas reflexões. Temos que pensar na preservação da natureza, por exemplo. Não há como sustentar que todo e qualquer tipo de progresso é válido, ou que qualquer tipo de modelo econômico é válido. De maneira alguma. E não digo isso porque o meio ambiente está ameaçado, mas é preciso considerar o impacto sobre as nossas vidas do tempo que perdemos nos deslocando, considerar como estão se dando as relações entre os seres humanos... Temos que pensar que os critérios econômicos não são decisivos de modo algum, pelo contrário. O índice mais importante na economia não deve ser o da confiança dele na economia. Ou eu só existo, porque consumo? Se quisermos manter uma relação equilibrada e estável com os outros e com o meio ambiente, não poderemos continuar consumindo do jeito que consumimos. Qual é a capacidade de sustentação que o planeta tem diante dessa voracidade consumista? Estamos nos acostumando de modo perigoso a viver em *shoppings centers*. E o *shopping* de São Leopoldo é igual ao do Rio de Janeiro que é igual ao de Londres. Isso é triste e ruim. Acho que devemos incorporar esses temas nas nossas reflexões, incorporar essas preocupações às nossas práticas como pesquisadores e professores.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **"HÁ URGÊNCIA DE PENSAR UMA NOVA ÉTICA GLOBAL"**

### **Entrevista com Nelson Gomes**

*O filósofo Nelson Gomes vê, com otimismo, a possibilidade de formular uma nova ética que leve em conta os problemas de sobrevivência do ecossistema. "Há muitos problemas que estão no caminho, mas creio que hoje temos que colocar a questão da universalidade da ética na globalização, porque a globalização universalizou os problemas. Hoje não queremos soluções que atinjam simplesmente uma determinada comunidade. Temos uma interdependência entre todas as comunidades existentes no Planeta. Como a ecologia está se transformando, cada vez mais, numa questão de sobrevivência da Terra, uma ética voltada para problemas ecológicos é uma exigência do nosso tempo", salienta. Nelson Gonçalves Gomes concedeu ao IHU On-Line a entrevista a seguir, por telefone. Ele é professor titular da Universidade de Brasília desde 1976, onde coordena o mestrado em Filosofia. Doutor em Filosofia pela Universidade de Munique, Alemanha, tem pós-doutorado em Filosofia na Universidade de Munique e na London School of Economics (Departamento de Filosofia). Nessas instituições e na Universidade de Oxford e Universidade Hebraica de*

*Jerusalém, fez estágio sênior, assim como no Centro Internacional de Fundamentos das Ciências, em Salzburgo, na Áustria. É também bolsista-pesquisador do CNPq desde 1985, além de membro do Comitê Assessor de Filosofia do CNPq e do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB. Tem publicações nas áreas de lógica, história da filosofia com ênfase no positivismo, ética e filosofia da psicologia. É organizador do livro **Hegel**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981. Durante o **Colóquio Internacional Filosofia e Ciência: Redesenhando horizontes**, o professor Nelson foi o responsável pelo debate "Lógica dialógica e comunicação ideal".*

**IHU On-Line - No Colóquio, o senhor abordará a lógica / dialógica numa comunicação ideal. O que isso significa?**

**Nelson Gomes** - A lógica / dialógica consiste, basicamente, num sistema no qual se discute uma tese no contexto de um diálogo entre duas pessoas: o proponente e o oponente. O proponente, apresenta uma tese, por exemplo, "amar a natureza é uma coisa boa, positiva". O proponente e o oponente, seu interlocutor, debatem-na. A discussão não acontece de qualquer maneira. Há uma série de regras que devem ser observadas. E, ao final do diálogo, se, por ventura, o oponente é levado a uma espécie de situação sem saída, não pode ou não tem mais objeções a fazer, ele perdeu o diálogo. Ganhou o proponente.

**IHU On-Line - O que essa lógica / dialógica teria a dizer em um mundo marcado por fundamentalismos?**

**Nelson Gomes** - A lógica / dialógica é apenas um instrumento. Ela não é ética. A ética é outro assunto. A lógica / dialógica pode ser um instrumento da reflexão ética. É uma forma de mostrar como as pessoas podem dialogar. A parte da filosofia que reflete sobre todas as questões do mundo contemporâneo, cada vez mais difícil, é a ética. Não é propriamente a lógica / dialógica. Evidentemente, o fundamentalismo é a negação do diálogo, ele consiste simplesmente em afirmar-se uma posição.

**IHU On-Line - Como o senhor vê a possibilidade de uma ética universal que privilegie a relação do ser humano com o ecossistema?**

**Nelson Gomes** - Eu vejo isso com otimismo. Há possibilidades reais de pensarmos nisso. Há muitos problemas que estão no caminho, mas creio que hoje temos que colocar a questão da universalidade da ética na globalização, porque a globalização universalizou os problemas. Hoje não queremos soluções que atinjam simplesmente uma determinada comunidade. Temos uma interdependência entre todas as comunidades existentes no Planeta. Pensar em termos de uma ética universal é muito natural. Como a ecologia está se transformando, cada vez mais, numa questão de sobrevivência da Terra, uma ética voltada para problemas ecológicos é uma exigência do nosso tempo.

**IHU On-Line - Qual pode ser a contribuição das religiões para uma ética global?**

**Nelson Gomes** - Realmente não tenho uma boa resposta para dar, ou pelo menos uma resposta que seja fruto do raciocínio e de reflexão, mas posso dar uma resposta parcial. Entre os gregos antigos, havia a crença de que o mundo era habitado por deuses. Cada objeto, por exemplo uma árvore, teria um Deus dentro de si. O mar teria deuses dentro de si. Isso é algo que pode levar as pessoas a ter uma relação de maior respeito para com a natureza. As diversas religiões hoje estão levando as pessoas, pelo menos em alguns casos, à guerra, à violência. Em todo o Planeta, há várias guerras que têm como base a religião. É só pensar nos problemas gravíssimos que o Ocidente está tendo com os muçulmanos. Nesses confrontos, o elemento religioso é importante. Ou se pensarmos na Irlanda do Norte, problemas entre

católicos e protestantes, o elemento religioso é importante. Eu não saberia definir as religiões com precisão, porque elas podem ser muito úteis para aproximar os homens em muitos casos, mas também podem levá-los à destruição. Infelizmente, temos exemplos históricos das duas coisas. Mas, com certeza, as religiões são fontes de relações éticas e morais.

***IHU On-Line* – Como a frase evangélica “tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês mesmos também a eles” (Mateus 7, 12)<sup>2</sup> poderia ser base para uma ética universal?**

**Nelson Gomes** - Essa frase é melhor formulada negativamente. É melhor colocar assim "não fazer ao outro aquilo que eu não quero que seja feito a mim". Por exemplo, uma pessoa masoquista pode querer que façam coisas ruins para ela, e isso não é bom, porque não é por isso que ela poderá fazer coisas ruins para os outros. A formulação negativa é melhor. Essa regra "não fazer ao outro aquilo que eu não quero que seja feito a mim" chama-se, em ética, a regra de ouro. E essa regra está presente no ensinamento de inúmeras religiões e de inúmeros sistemas éticos. É uma regra, sem dúvida nenhuma, central no pensamento ético. Muitas teses éticas podem ser derivadas daí.

***IHU On-Line* - Quais os principais desafios que o senhor vê no diálogo entre ciência e filosofia?**

**Nelson Gomes** - O principal desafio no diálogo entre ciência e filosofia consiste, precisamente, em se definir o que a filosofia pode fazer, para que se entenda melhor a ciência. Em segundo lugar, em que a ciência pode enriquecer a filosofia. Essas questões são, até hoje, mal resolvidas. O naturalismo, uma corrente filosófica, vai dizer, em última análise, que a filosofia pode fazer muito pouco, ou talvez nada, para que a ciência tenha um entendimento melhor de si mesma. Na verdade, o filósofo, segundo os naturalistas, seria incapaz de trazer contribuições importantes para o entendimento da ciência. Em outras palavras, a ciência poderia ser entendida estudando-se a própria ciência. A ciência é que estaria em condições de levar ao entendimento dos seus próprios procedimentos. Esse é o desafio, essa questão colocada pelo desafio contemporâneo: encontrar uma boa resposta em torno dessa questão. Presentemente, os naturalistas, hoje, têm um grande prestígio filosófico. Há estudos muito importantes e crescentes em torno do naturalismo. E se o naturalismo tem razão, finalmente a filosofia não ajuda no entendimento da ciência. Essa é uma questão a ser esclarecida.

***IHU On-Line* - O senhor acha que haveria também uma necessidade de maior diálogo entre ciência, filosofia e os problemas da sociedade contemporânea?**

**Nelson Gomes** - Sim, mas acho que temos que manter as coisas separadas. Uma coisa é a relação entre ciência e filosofia, outra coisa é a relação dos problemas da sociedade com os problemas da filosofia e com os problemas da ciência. São coisas que não devem ser colocadas no mesmo conjunto de preocupações.

***IHU On-Line* - Mas não estaria faltando às instituições científicas, às universidades, uma abertura maior aos problemas da sociedade?**

**Nelson Gomes** - Isso é uma outra questão. A questão, por exemplo, de saber como a universidade deve formar as suas pessoas, seu pessoal, alunos, professores, no sentido de pensar em profundidade as questões da sociedade. É importante que as questões não sejam mescladas, porque saber se a filosofia tem algo a dizer sobre a ciência é uma coisa. Saber que

---

<sup>2</sup> A tradução é da Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. Edições Paulinas. (Nota do *IHU On-Line*)

problemas sociais o filósofo pode ajudar a resolver, é outra coisa. São blocos diferentes de problemas: filosofia, ciência, sociedade. Não há a menor dúvida de que a preocupação em torno da sociedade é crucial. No final das contas, a ciência deve aperfeiçoar o homem. Essa já é uma frase de Spinoza. E eu diria que a filosofia também. Essa é uma preocupação fundamental.

#### **IHU On-Line - Que momento está vivendo a filosofia?**

**Nelson Gomes** - De um modo geral, eu não diria que a filosofia está vivendo um momento particularmente brilhante. Não estamos na situação em que estávamos, por exemplo, em 1950, 1960, ou até nas décadas anteriores, quando, então, a filosofia discutia sobre o trabalho de grandes cabeças, como Heidegger ou Bertrand Russel, Husserl, Sartre, etc. No momento, esses grandes nomes não estão aí. Há filósofos famosos, sem dúvida nenhuma, pensadores, como Locke, mas não há aqueles grandes trabalhos. Com respeito ao Brasil, temos, hoje, 27 programas de pós-graduação, entre mestrado e doutorado e houve um crescimento quantitativo da filosofia e da produção filosófica. Quanto a isso não há dúvida. Ainda falta o crescimento qualitativo. Havendo o crescimento quantitativo, evidentemente aumenta a probabilidade de um crescimento qualitativo também. Mas esse ainda não aconteceu.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **A UNIVERSIDADE NÃO DEVE SE TRANSFORMAR NUMA EMPRESA**

### **Entrevista com Ana Luísa Janeira**

*As instituições pelas quais é conduzido o saber científico, correm o risco de depender de tal forma das indústrias que possam se transformar numa fábrica. A afirmação é da filósofa portuguesa Ana Luísa Janeira que apresentou o tema A ciência é também feita de lei humanas, durante o **Colóquio Internacional de Filosofia e Ciência: Redesenhando Horizontes**. Segundo ela, a universidade precisa redescobrir a sua vocação criadora e inovadora no sentido da produção artística, da produção científica, da produção literária e outras. Ana Luísa Janeira, professora da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, é doutora em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris I - Phanteón Sorbonne. Ela concedeu a entrevista a seguir, ao **IHU On-Line**, pessoalmente, no decorrer do evento que pautou a matéria de capa da presente edição. Foi a fundadora e, por vários anos coordenadora do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa. A professora tem vários projetos interdisciplinares já realizados e em andamento, muitos de caráter internacional, como o de Inovação Científica, Saberes Tradicionais e Culturas Globais, do qual participam comunidades e pesquisadores brasileiros. Atua nas áreas de epistemologia e ética, com diversos trabalhos na área de História das Ciências Luso-Brasileira. É autora de, entre outros, **Conhecer Simone Weil**<sup>3</sup>. Braga: Livraria Cruz, 1967; **A Energética no Pensamento de Teilhard de Chardin**<sup>4</sup>. Braga: Livraria Cruz, 1978; e **Fazer-Ver para Fazer-Saber. Os Museus das Ciências**. Lisboa: Edições Salamandra, 1995.*

<sup>3</sup> Sobre Simone Weil confira o **IHU On-Line** n.º 84, de 17 de novembro de 2003. (nota do **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> Durante o **Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade** ocorrerá um curso, ao longo dos três dias do evento, sobre a obra de Teilhard de Chardin e uma oficina com o título "A dimensão espiritual da realidade do cosmos. Uma leitura a partir de Einstein e Teilhard de Chardin", sob a responsabilidade do prof. Dr. Paul Alexander Schweitzer - PUC-Rio. Para maiores informações sobre o Simpósio consulte a página [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) (Nota do **IHU On-Line**).